

**COMUNIDADE CAVERNA DE ADULÃO: uma análise
socioantropológica urbana da construção das práticas religiosas entre os
jovens adeptos da música *rock* das tribos urbanas *headbangers***

Flávio Lages Rodrigues*

Resumo

A presente comunicação “COMUNIDADE CAVERNA DE ADULÃO: uma análise socioantropológica urbana da construção das práticas religiosas entre os jovens adeptos da música *rock* das tribos urbanas *headbangers*”, analisará sociologicamente como ocorre a construção da relação entre a religião e os jovens adeptos do *rock* e das tribos urbanas *headbanger*. Também como ocorrem os vínculos sociais entre os jovens e sua relação com a comunidade, que abre possibilidades para a autonomia e socialidade. A adaptação a novos elementos da cultura pode apontar para uma prática religiosa que está aberta e respeita aspectos culturais para uma espiritualidade livre e espontânea. O *rock*, a religião, como outros elementos da cultura podem apontar não para uma nova religião, mas para novas roupagens, leituras, releituras e linguagens que sejam livres para manifestar a religiosidade de forma acessível e contextualizada. Assim, os jovens podem aderir a uma religião pelo fato de sentirem integrados com sua cultura juvenil que é bem peculiar a essa faixa etária. O que possibilita o seu desenvolvimento, com o sentimento de pertencimento, de estar-juntos e de sociabilidade. A metodologia proposta para esse trabalho é constituída por trabalho de campo e análise da referência bibliográfica, esta tem como principal referencial teórico-metodológico “O tempo das tribos” de Michel Maffesoli. Para este autor, as tribalizações juvenis demonstram que o bem comum idealizado por muitos teóricos e autores, já está presente e emerge no contexto urbano todos os dias, independente dos poderes econômicos, políticos, sociais, culturais e também religiosos. Maffesoli em diálogo com outros teóricos possibilitará um melhor entendimento da construção sociológica em que o afeto e o pertencimento produzem laços de proteção e cuidado entre os jovens na Comunidade Caverna de Adulão.

Palavras-chave: Socioantropologia Urbana, Religião, Jovens, *Rock*, Cultura.

*Flávio Lages Rodrigues é Graduado em Teologia pela Faculdade Evangélica de Teologia de Belo Horizonte. Atualmente é Mestrando PPGCR PUC Minas e bolsista pela Capes. E-mail: flavioposttrevor@yahoo.com.br.

Introdução

Nota-se que para falar da “COMUNIDADE CAVERNA DE ADULÃO¹: uma análise socioantropológica urbana da construção das práticas religiosas entre os jovens adeptos da música *rock* e das tribos urbanas *headbangers*²” é necessário entender a socioantropologia urbana com seus desdobramentos sociais e antropológicos que podem influenciar as práticas religiosas na comunidade.

O *rock* e a religião são elementos construídos na sociedade de forma cultural pelos jovens. Estes produzem sua própria cultura com signos, ícones e marcas em linguagem própria. Assim, o sentido é estabelecido por eles na produção e consumo da música *rock*, *shows*, fanzines, revistas, roupas arrojadas, tatuagens, *piercing's*, entre outros elementos que unem, e proporcionam a socialidade, o vínculo afetivo e uma mesma missão.

Esta construção revela um complexo e variado padrão de comportamento com crenças, manifestações artísticas e intelectuais, artes, leis, costumes e hábitos que são adquiridos pelo ser humano como membro de uma sociedade. Essas transmissões coletivas apontam para homens e mulheres, como transformadores da cultura em seus próprios contextos de vida. Dessa forma, os jovens também são construtores de suas próprias realidades e cosmovisões, com suas posturas, atitudes, ideologias e estéticas próprias de cada tribo urbana a que os mesmos aderem.

Percebemos que a socioantropologia urbana, pode ajudar na compreensão dos processos sociais com a possibilidade de uma visão mais contextualizada da cidade, com suas mais variadas redes de relacionamentos. Onde pequenos grupos como as tribos urbanas passam a ser

¹ O nome Caverna de Adulão, que dá origem à comunidade em Belo Horizonte é uma referência bíblica que se encontra no livro de 1 Samuel 22. Este texto bíblico mostra que Davi saiu em fuga para a Caverna de Adulão fugindo do rei Saul. Cerca de 400 homens que estavam marginalizados e oprimidos se juntaram a Davi que se tornou líder deles. Tanto no contexto bíblico do Antigo Testamento, quanto na Comunidade Caverna de Adulão hoje, o que se observa é que ambos são lugar de refúgio, refrigério, cura e aceitação das diferenças. Muitas pessoas que não se encaixam aos padrões das igrejas evangélicas tradicionais, acabam vindo na Caverna um lugar de encontro, de pertencimento com os iguais e de afeto. A contracultura se estabelece ali com a socialização que vai na contramão de muitas igrejas cristãs e também da sociedade atual. “Davi fugiu da cidade de Gate e foi para a caverna de Adulão. Quando seus irmãos e a família de seu pai souberam disso, foram até lá para encontrá-lo. Também juntaram-se a ele todos os que estavam em dificuldades, os endividados e os descontentes; e ele se tornou o líder deles. Havia cerca de quatrocentos homens com ele.” (1 Samuel 22. 1-2).

² O termo “tribo urbana *headbanger*” é dado aos jovens que interagem em pequenos grupos ou tribos nos centros urbanos. Para esta tribo a socialização gira em torno da sonorização com o *rock* pesado, na produção e no consumo dessa música entre os jovens. Estes também consomem uma variedade de roupas, calçados e acessórios, que em muitas vezes são definidos pelos membros da própria tribo. Durante os *shows*, estes jovens, dançam em círculo com o *mosh*, o que lembra as tribos indígenas em suas danças. No *mosh*, os jovens fazem a roda para dançar e dão socos e ponta pés ao ar. Também batem a cabeça, que é o significado literal para *headbanger*, com o movimento para cima e para baixo, jogando os cabelos ao ar.

estudados. A *polis*, vira um grande “laboratório” a céu aberto e a observação participante pode visualizar várias culturas, dentro da cidade e das práticas urbanas.

A identificação da adesão desses jovens à comunidade pode estar atrelada ao *rock* como estilo musical e sua ligação com as práticas religiosas. Conforme Rodrigues:

As tribos urbanas - e, neste caso mais específico, os roqueiros - têm toda uma maneira característica peculiar cultural: os cabelos longos, as tatuagens, os *piercing's*, as roupas pretas e camisas de bandas de *rock*, assim como a maneira diferente de falar, usando gírias e jargões que só quem está encarnado na tribo consegue entender. Precisam ouvir o Evangelho de forma contextualizada. A Mensagem deve ser transmitida de forma que eles, em sua maneira de viver, pensar e sentir, consigam entendê-la. (RODRIGUES, 2006, p. 65).

Na pós-modernidade, tanto o pensamento como a práxis humana sofrem grandes transformações, que negam antigos modelos que sustentaram a existência humana durante séculos. Essa transformação ergue seus pilares na ciência com a racionalidade e na tecnologia que impulsiona o progresso. O pensamento pós-moderno nega qualquer estrutura que seja erigida sob as bases absolutistas. “Não há ‘verdade’, apenas verdades. Não existe a razão suprema, somente há razões. Não há uma civilização privilegiada (nem cultura, crença, norma e estilo), há somente uma multidão de culturas, de crenças, de normas e estilos.” (MCGRATH apud SALINAS, 1999, p. 25).

Podemos observar que essas transformações trouxeram uma diversidade de possibilidades em todas as áreas da vida humana. No âmbito das práticas religiosas, também ocorreram aberturas e apropriação de elementos da cultura em nossos dias, que até poucas décadas atrás, não eram aceitos. O *rock* é um desses exemplos de abertura, com as “novas” formas de linguagem e expressão, ícones, signos e outros objetos, que passam a ser utilizados pela e para a manifestação religiosa que, ao que tudo indica, inicia-se pelo uso do idioma ou língua do emissor para transmitir a mensagem ao receptor.

A linguagem é o primeiro bem cultural de um povo e a partir dela que significações são construídas e entendidas pelo grupo. Para Maffesoli a linguagem tem o poder de ligar os indivíduos as mais variadas redes sociais. “[...] podemos considerar que a comunicação, ao mesmo tempo, verbal e não verbal, constitui uma vasta rede que liga os indivíduos entre si.” (MAFFESOLI, 2010, p. 139).

Aqui, podemos ver que a linguagem ou mesmo a comunicação nas suas mais variadas formas, expressam a experiência interna do grupo, reforçam os limites da comunidade e ajudam em sua construção ética. Segundo Vaz (2002, p. 13), o significado original de *ethos* remete a

língua grega como “morada”, “covil”, ou “abrigo” dos animais. O *ethos* no contexto da Comunidade Caverna de Adulão, se constitui a princípio com os jovens que não se enquadram aos modelos de igrejas tradicionais e se refugiam nessa comunidade para expressar sua prática religiosa em linguagem e cultura própria.

Entendemos que os elementos culturais e religiosos são construídos por homens e mulheres em seus contextos sociais, “não há como ignorar a cultura, ainda mais por ela não ser estática, pois sempre está em processo de transformação.” (RODRIGUES, 2006, p. 70). Nesse aspecto esses jovens que utilizam o *rock* e a religião, fazem uma releitura de um estilo musical para manifestar suas práticas religiosas de modo aberto e acessível aos que recebem a mensagem.

Essa abertura religiosa em nossos dias torna-se ainda mais visível, quando um jovem adepto da música *rock* envolvido nessa tribo urbana específica tem a liberdade de expressar sua espiritualidade com as próprias práticas da sua tribo. Esse costume interno da comunidade se estabelece tanto com o costume individual, como com o costume que é regido pelo grupo.

Para Vaz o *ethos* é o fator que pode sedimentar o costume.

A transposição metafórica de *ethos* para o mundo humano dos costumes é extremamente significativa e é fruto de uma intuição profunda sobre a natureza e sobre as condições de nosso agir (*práxis*), ao qual ficam confiadas a edificação e preservação de nossa verdadeira residência no mundo como seres inteligentes e livres: a morada do *ethos* cuja destruição significaria o fim de todo sentido para a vida propriamente humana. (VAZ, 2002, p. 13).

Com a intuição sobre a natureza e a ação no mundo os jovens poderão fazer suas construções e preservação do que foi construído somente quando forem seres inteligentes e livres para se expressarem. O estilo musical, as roupas, os cabelos longos, com cortes extravagantes ou coloridos, tatuagens, *piercing's*, alargadores e outros elementos que antes seriam as marcas para apontar o que não é o estereótipo de um membro de uma igreja evangélica tradicional, agora perdem as forças.

Há um grande esforço por parte de teólogos como Paul Tillich e H. Richard Niebuhr que trabalharam a Teologia da Cultura, de líderes religiosos e dos fiéis em entender e utilizar alguns elementos que são constituídos no arcabouço cultural. Diante dessas mudanças, muitas igrejas e comunidades são desafiadas, a acolher e proporcionar a esses jovens práticas religiosas que façam sentido e que estejam ligadas a todas as áreas de suas vidas.

A Comunidade Caverna de Adulão é um exemplo dessas culturas que podem se desenvolver dentro de uma cultura maior e que muitas vezes não é observada ou visualizada.

Nesse aspecto a socioantropologia urbana pode contribuir na análise da religião, do *rock* e das tribos urbanas que são fatores de aderência dos jovens na comunidade. Esse aspecto interno da comunidade, com o *ethos*, aponta para o sentimento de pertencimento, o prazer de estar juntos, e a sociabilidade dos jovens que estão nas tribos urbanas e partilham as mesmas experiências sociais.

Seguiremos no diálogo com o teórico Maffesoli e outros autores com a análise da construção socioantropologica urbana das práticas religiosas entre os jovens adeptos da música *rock* das tribos urbanas *headbangers* da comunidade. Também verificaremos como ocorrem os vínculos entre os membros e sua relação interna. Assim, os jovens podem aderir a uma religião pelo fato de sentirem integrados com sua cultura peculiar, desenvolvendo um sentimento de pertencimento, de estar-juntos e de sociabilidade.

1 COMUNIDADE CAVERNA DE ADULÃO: uma análise socioantropológica urbana da construção das práticas religiosas entre os jovens adeptos da música *rock* e das tribos urbanas *headbangers*

A gestação da Comunidade Caverna de Adulão tem início em 1992, quando alguns jovens, entre eles os Pastores Fábio e Eduardo, despertaram para a necessidade de levar a mensagem do cristianismo à grande tribo de *headbangers* em Belo Horizonte. O trabalho começou nas ruas e praças da cidade. Nesta época a cidade já era considerada a capital brasileira do *rock* pesado.

Essa preocupação é fácil de perceber, por ser Belo Horizonte, nessa época, considerada verdadeiro celeiro de bandas de estilos radicais, tais como o *Rock Progressivo*, *Rock Popular*, *Heavy Metal*, *Grind Core*, *Hard Core*, *Crossover*, *Punk Rock*, *Gótico* e *Grunge*, entre outros. (RODRIGUES, 2006, p. 130).

O olhar desses Pastores para os jovens que estavam nessas tribos espalhadas pela cidade, já aponta para o uso de aparelhos públicos, para a sociabilidade e uma profunda sensibilidade as inquietações próprias dessa faixa etária. As suas revoltas, incertezas, contestações, modo de pensar e também suas indiferenças às instituições sociais estabelecidas, entre elas: a igreja. “É a partir da vida cotidiana que ocorre a reflexão do contexto dos jovens e adolescentes presentes nas tribos urbanas e na cena alternativa e *underground*.” (RODRIGUES, 2007, p. 155). Dessa forma, os pastores da Comunidade Caverna de Adulão que iniciaram o evangelismo pelas ruas

e praças da cidade, entenderam que as igrejas “tradicionalistas” não conseguiam se comunicar com as tribos dos *headbangers* que estavam espalhadas pela capital.

Por entender o pensamento juvenil e conhecer os espaços públicos de Belo Horizonte e como os jovens que gostam de *rock* e estão nas tribos *headbangers* se apropriam dos mesmos e ali se socializam, os fundadores da Comunidade Caverna de Adulão conseguem dar uma “nova” significação à religião. O que sinaliza para religião do pequeno relato, no qual os membros da Comunidade conseguem dar sentido às suas práticas religiosas. Como descrito por Rodrigues:

Muitos são os jovens alcançados por meio da Palavra cantada na música *rock*, e isso ocorre com bandas, igrejas e comunidades que desenvolvem eventos, tanto em templos como em ruas, praças, vilas e aglomerados, com o objetivo de evangelizar os jovens e adolescentes, usando tal estilo contemporâneo como atrativo. (RODRIGUES, 2007, p. 155).

Jovens que não tinham nenhum contato com o evangelho passaram juntos a viver e vivenciar o cristianismo. O que era apenas para os jovens que gostam de *rock* e estão nas tribos urbanas *headbangers*, estendeu-se também com o passar dos anos para outras tribos que foram atraídas pelo trabalho do grupo. Em 1995, após trabalhar com outras igrejas, o grupo recebe a ajuda de outros cristãos e nasce então a Comunidade Caverna de Adulão.

Atualmente a comunidade possui doze ministérios que funcionam como braço tanto interno, servindo a seus membros, como externo no serviço à sociedade. Entre os ministérios a Comunidade tem a Pastoral com cinco pastores e uma pastora, o Ministério de Pastores em treinamento com dois Pastores. Também destacam-se outros ministérios como: Diaconia, Crianças, Louvor, Dízimos e ofertas, Projeto Reconstruir, Evangelismo na rua Guaicurus e Vigília de oração, Reunião de oração, Encontro de Casais, Comunicação, Assessoria de imprensa, arquivo e memorial.

A socialidade das tribos na Comunidade Caverna de Adulão acontece de forma *underground*, sendo descrita por Maffesoli como subterrânea: “para quem e para além das formas instituídas, que sempre existem e que, às vezes, são dominantes, existe uma *centralidade subterrânea informal* que assegura a perdurância da vida em sociedade.” (MAFFESOLI, 2010, p. 28).

Essa profundidade abaixo do que é a normalidade e o senso comum, Agamben traduz como contemporâneo que para ele são camadas profundas e aquilo que não pode ser visto de

forma clara e à primeira vista. “Contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro.” (AGAMBEN, 2009, p. 62).

Dessa forma, a comunidade aponta para a aceitação do sujeito que ali é heterogênea e muito eclética em sua formação que é composta não somente por jovens, mas também por crianças e idosos. A autenticidade do sujeito é visível não só na composição da Comunidade, mas também nas escolhas e na própria linguagem que os mesmos utilizam, com o *rock*, outros estilos musicais e vários elementos culturais em suas práticas religiosas. Atualmente, várias tribos urbanas compõem a Comunidade Caverna de Adulão.

Nos pequenos grupos, no sentimento de pertencimento e de estar-juntos que se sedimentam os laços sociais. A sociedade então é formada por partes e os microgrupos ou tribos tecem o grande corpo social. Esses laços sociais ultrapassam as formas instituídas e se criam e recriam nos encontros. Para Maffesoli a manifestação religiosa é uma dessas potências que se dinamiza na partilha, ou seja, ocorre no encontro com o outro.

Entretanto, é bom lembrar que o divino é oriundo das realidades quotidianas, que ele se elabora, pouco a pouco, na partilha dos gestos simples e rotineiros. É nesse sentido que o *habitus* ou o costume servem para concretizar, para *atualizar* a dimensão ética de toda a sociedade. (MAFFESOLI, 2010, p. 61).

Não somente o hábito fomenta a dimensão ética da sociedade, mais também a ajuda mútua, que se fundamentam na proximidade, no contato, no simples momento de estar juntos, na partilhar das mesmas ideias e atitudes. “Podemos, então dizer que a ética é, de certa forma, o cimento que fará com que diversos elementos de um conjunto dado formem um todo.” (MAFFESOLI, 2010, p. 53). No entanto, com a desconfiança e descrença cada vez mais crescentes nas instituições sociais na atualidade, ressurgem as comunidades de base, os pequenos grupos, as associações e as tribos que permitem o contato mais próximo. Para Vaz nesses momentos de crise e conflitos que o *ethos* tem poder de transformação e renovação.

O *ethos* não é uma grandeza cultural imóvel no tempo mas, como a própria *cultura*, da qual é a dimensão normativa e prescritiva, revela um surpreendente dinamismo de crescimento, adaptação e recriação de valores, quando os chamados “conflitos éticos” desencadeiam no seu seio síndromes de crise cujo desfecho é, em geral, a invenção de uma nova forma ética de vida. (VAZ, 2002, p. 41).

Para Maffesoli a religião também é fundamental para a sociabilidade, pois “a religião, aqui, é aquilo que liga. E ela liga porque existe o ombro a ombro, porque há a proximidade física.” (MAFFESOLI, 2010, p. 74).

Muitos jovens que gostam de *rock* e que pertencem as tribos *headbanger* podem ser atraídos a Comunidade Caverna de Adulão pela proximidade física e por expressarem sua religiosidade em linguagem própria.

O rock é social, por princípio. Esse gênero musical surgiu da necessidade de comunicar o que uma geração sentiu, pensou e fez em uma época. Por intermédio da música e da performance, tornou-se fórum de contestações e palco para a expressão das inquietações juvenis. (BRANDINI, 2004, p. 12).

Outro fator importante ocorre pelo fato de um membro tanto da tribo urbana quanto da Comunidade Caverna de Adulão escolher a que tribo ou igreja pertencer na pós-modernidade. Dessa forma, a dimensão social e a possibilidade das relações interpessoais é o que passam a dar sentido à vida em comunidade.

1.1 Um estudo Socioantropológico urbano para compreender a atração dos jovens pela música *rock* nos cultos em linguagem juvenil

Verificamos que Maffesoli (2010, p. 04) trabalhou o conceito “tribo” de forma metafórica na década de 1980, pelo qual demonstrou novas formas de sociabilidade, pertencimento, estar juntos, partilha e proximidade entre os jovens para observar as transformações do vínculo social. No entanto, esse tipo de observação só foi possível pela proposta da Escola de Chicago nos anos 1920. Esta escola passou a ver o cotidiano não mais de povos “primitivos” e distantes, mas do próprio ponto de vista e contexto do antropólogo, na observação de perto com os guetos, migrações, interações dos grupos e também a segregação.

De acordo com Park, ocorreu nesse momento uma grande abertura para a pesquisa antropológica. “Até o presente a Antropologia, a ciência do homem, tem-se preocupado principalmente como estudo dos povos primitivos. Mas o homem civilizado é um objeto de investigação igualmente interessante, e ao mesmo tempo sua vida é mais aberta a investigação.” (PARK, 1979, p. 28).

Podemos ver que a cidade torna-se um solo fértil para a interação social, devido à liberdade, que ela propõe aos seus usuários para manifestar-se. “Entretanto, a atração da metrópole é em parte devida ao fato de que a longo prazo cada indivíduo encontra em algum

lugar entre as variadas manifestações da vida citadina o tipo de ambiente no qual se expande e se sente à vontade; encontra, em suma, o clima moral em que sua natureza peculiar obtém os estímulos que dão livre e total expressão as suas disposições inatas.” (PARK, 1979, p. 63). Essa riqueza das “variadas manifestações da vida citadina” para Wirth ocorre com a heterogeneidade na formação social da cidade. “Para fins sociológicos, uma cidade pode ser definida como um núcleo relativamente grande, denso e permanente, de indivíduos socialmente heterogêneos.” (WIRTH, 1979, p. 96).

Os jovens roqueiros que estavam nas tribos urbanas e utilizavam as praças e outros aparelhos públicos para se socializar no início da Comunidade Caverna de Adulão, encontravam outros jovens que partilhavam os mesmos gostos e emoções. O urbano e suas produções na cidade, assim como os povos primitivos e distantes, podem ser objeto de estudo da antropologia. “A vida e a cultura urbanas são mais variadas, sutis e complicadas, mas os motivos fundamentais são os mesmos nos dois casos.” (PARK, 1979, p. 28). Para Wirth, as variações da cidade sinalizam para a riqueza tanto do processo de interação como o de diferenciação dos indivíduos. “Além disso, quanto maior o número de indivíduos participando de um processo de interação, tanto maior a diferenciação potencial entre eles.” (WIRTH, 1979, p. 99).

Os jovens adeptos da música *rock* e que estão nas tribos urbanas nas grandes cidades em nossos dias apontam para esta variação da cultura e da vida dentro das cidades. Dentro de uma mesma cidade muitos jovens de tribos variadas podem se inter cruzar sem ter o mínimo de contato. “A verdade, entretanto, é que a cidade está enraizada nos hábitos e costumes das pessoas que a habitam.” (PARK, 1979, p. 29).

Com as transformações, aberturas e possibilidades que a cidade traz aos seus moradores, a igreja, a escola e a família, têm perdido na proximidade e nos relacionamentos mais estreitos. Esses grupos primários se enfraqueceram e a ordem moral se diluiu. As práticas religiosas entram, também, nesse enfraquecimento do sistema anterior, que exigem práticas religiosas, que atraíam os jovens e que não os aliene à vida em todos os seus contextos. “Por outro lado, a igreja, que tem perdido muito de sua influência desde que as páginas impressas vêm tão amplamente tomando o lugar do púlpito na interpretação da vida, parece estar presentemente em processo de reajustamento às novas condições.” (PARK, 1979, p. 47-48).

A cidade é propícia, para a formação das tribos urbanas, pela segregação dos mais diferentes grupos nos seus limites geográficos, o que aponta por outro lado, para a sua potência. “Os processos de segregação estabelecem distâncias morais que fazem da cidade um mosaico

de pequenos mundos que se tocam, mas não se interpenetram.” (PARK, 1979, p. 62). Essa segregação desemboca na diversidade de grupos que compõem o tecido social no sentimento de partilha, pertencimento e socialidade. “Devido aos seus diferentes interesses emanados de diferentes aspectos da vida social, o indivíduo se torna membro de grupos bastante divergentes, cada um dos quais funciona somente com referência a um segmento da sua personalidade.” (WIRTH, 1979, p. 105).

Percebemos que a proximidade e o pertencimento a um grupo, ocorrem pela escolha do indivíduo em seu contexto social. De acordo com Frehse, este tipo de sociologia é recuperada por Goffman, nas relações espacialmente mais próximas. “Seu objeto, as interações face a face, seria relevante para uma compreensão antropológica da vida e da experiência urbanas embora o sociólogo não tivesse se devotado especificamente a elas.” (FREHSE, 2008, p. 156).

Para Frehse (2008, p. 161-162) a sociologia de Goffman foi muito ampla e ao mesmo tempo rica na pesquisa etnográfica na cidade e no campo, com a observação etnográfica da vida social em lugares tão variados. “Ao especializar as interações face a face por meio da noção de situação, ele assegura ao espaço físico um papel inovador na compreensão sociológica das interações.” (FREHSE, 2008, p. 161).

O espaço físico revela-se como meio de interação entre os jovens que gostam da música no estilo *rock* e estão nas tribos urbanas. “Ao interagirem no espaço físico, os indivíduos se localizam e localizam aqueles que com eles se interagem no espaço interacional e social.” (FREHSE, 2008, p. 162).

Para Lefebvre a cidade é o lugar da efervescência das interações físicas, sociais e também geográficas.

Ela se declara mais ou menos imperiosamente. Nenhum desses termos descritivos dá conta completamente do processo histórico: a implosão-explosão (metáfora emprestada da física nuclear), ou seja, a enorme concentração (de pessoas, de atividades, de riquezas, de coisas e de objetos, de instrumentos, de meios e pensamento) na realidade urbana, e a imensa explosão, a projeção de fragmentos múltiplos e disjuntos (periferias, subúrbios, residências secundárias, satélites etc.). (LEFEBVRE, 1999, p. 24).

Ainda de acordo com Lefebvre a concentração e a socialização ocorrem por causa da rua. A rua “[...] é o lugar (utopia) do encontro, sem o qual não existem outros encontros possíveis nos lugares determinados (cafés, teatros, salas diversas).” (LEFEBVRE, 1999, p. 27). As tribos urbanas conseguem ocupar e se apropriar de espaços públicos como, parques, praças e ruas para manifestar seus padrões culturais específicos nas cidades. “Na rua, e por esse espaço,

um grupo (a própria cidade) se manifesta, aparece, *apropria-se* dos lugares, realiza um tempo-espaço apropriado.” (LEFEBVRE, 1999, p. 27).

Observamos que a Escola de Chicago com sua proposta em observar o que é familiar, começou a estudar o comportamento humano e a entender a cidade com suas mais variadas redes de relacionamentos sociais. “Talvez seja este fato, mais do que qualquer outro, que justifica a perspectiva que faz da cidade um laboratório ou clínica onde a natureza humana e os processos sociais podem ser estudados conveniente e proveitosamente.” (PARK, 1979, p. 67).

A diversidade que há na cidade proporciona o estudo de vários fenômenos sociais que podem ser vistos na vida cotidiana com o simples olhar de perto. “A cidade tem sido, dessa forma, o cadinho das raças, povos e das culturas e o mais favorável campo de criação de novos híbridos biológicos e culturais.” (WIRTH, 1979, p. 98).

Nesse aspecto verificamos que a Comunidade Caverna de Adulão propicia aos jovens que a ela aderem, uma possibilidade para realizar suas práticas religiosas em linguagem própria. Tanto a construção quanto a união de elementos como o *rock* e religião, que eram impensados há algumas décadas anteriores, atualmente podem ser utilizados pela maior mobilidade e abertura que as cidades proporcionam aos que nela transitam e fazem parte do seu mosaico urbano.

1.2 Etnografia do culto na Comunidade Caverna de Adulão

Na ida a campo na Comunidade Caverna de Adulão escolhi o culto de domingo das 18:00 horas. Nessa incursão à comunidade havia 80 pessoas e a maior composição era de jovens, também havia pessoas de várias idades, de crianças a idosos. Os jovens usavam *piercing's*, alargadores, camisas pretas de bandas, calças pretas surradas, bermudas camufladas, alguns usavam tênis cano longo, outros usavam grandes coturnos pretos, cabelos longos e pintados de várias cores, tatuagens multicoloridas por várias partes do corpo. Algumas pessoas tinham praticamente todo o corpo fechado com várias tatuagens.

Na entrada da comunidade algumas pessoas esperavam o início do culto assentadas na calçada do lado de fora, outras permaneciam ali em pé conversando, mas a maior parte delas entrava para o salão à espera do início do culto. Embora a Comunidade tenha em sua maioria pessoas “diferentes” do padrão das igrejas evangélicas. Podemos ver também ali homens e mulheres adultos, como crianças e algumas pessoas idosas, o que não foge aos padrões das igrejas tradicionais. E demonstra a abertura da comunidade não só as pessoas ligadas às tribos

urbanas *headbanger*, que era o propósito inicial, mais todas as tribos urbanas que queiram participar, como pessoas de várias idades, que não têm nenhuma ligação a qualquer tribo, o que a torna mais eclética. Essa abertura para Vaz sinaliza para a construção do *ethos* de forma dual que é tanto social como individual.

A experiência primeira do *ethos* revela, por outro lado, uma estrutura dual característica e constitutiva: o *ethos* é, inseparavelmente, social e individual. É uma realidade sócio-histórica. Mas só existe, concretamente, na *práxis* dos indivíduos; e é essa *práxis* que deixa seus traços nos documentos e testemunhos que nos permitem o acesso à fisionomia própria de um determinado *ethos* histórico. (VAZ, 2002, p. 38).

Outro fator que merece destaque é não ver nenhum dos membros com roupas sociais, nem mesmo os pastores da comunidade usavam terno como indumentária própria dos líderes evangélicos. O louvor é outro elemento que chama a atenção na Comunidade, pois louvores conhecidos são executados com as guitarras mais pesadas, o contrabaixo, os vocais e bateria mais rápida no estilo *heavy metal*.

A participação de homens e mulheres de idades variadas na execução dos instrumentos, inclusive de crianças pode apontar ali para uma composição inclusiva. Isto também é demonstrado nos louvores que foram cantados como: “Porque Ele vive”, “Rude Cruz” e “Pai Nosso”. Nesses e nos outros louvores ministrados o sentimento de pertencimento e de estar juntos é sempre apontado para Jesus como unificador de tudo, inclusive dos mais diferenciados membros da Comunidade.

Para Vaz o *ethos* é o que sedimenta a tradição do grupo, “pois o ser humano não conseguiria refazer continuamente sua morada espiritual.” (VAZ, 2002, p. 40). Hoje a Comunidade conta com várias tribos urbanas, com o *reggae*, *hip hop*, *rap*, música eletrônica, *soul*, skatistas entre outras e não mais apenas a tribo *headbanger* com o *rock* como fora no início do trabalho.

A forma como é feita a pregação pelos pastores da Comunidade Caverna de Adulão é outro aspecto que chama a atenção nos cultos. Vários temas são abordados nas pregações pelos pastores e há um grande esforço em realizar uma exegese com os textos bíblicos para que desemboque numa hermenêutica que possa ser aplicada nas práticas da Comunidade. As pregações são feitas na linguagem dos jovens de forma contextualizada, com elementos da cultura alternativa e *underground*, próprias das tribos urbanas que estão na Comunidade.

Na pregação feita pelo Pastor Saimon no texto bíblico de 1 Coríntios 5, foram explanados alguns dos problemas que os cristãos do primeiro século viviam. Problemas estes

de várias naturezas que afligiam a igreja de Corínto, resumidos pelo Pastor Saimon como “todo o tipo de impurezas”. Duas frases ditas por ele na pregação reforçam o *ethos* e a tradição na Caverna de Adulão. Na primeira ele diz: “somos chamados para sermos uma contra cultura, luz nas trevas e não fazer e ter as práticas do mundo.” Já na segunda ele diz que a “igreja é espaço de refúgio e proteção.”

Essa “contra cultura” e “proteção” descritas na pregação do Pastor Saimon remetem ao *ethos* do grupo. “À permanência social do *ethos* na forma do *costume* correspondem sua interiorização e permanência no *indivíduo* na forma do *hábito*.” (VAZ, 2002, p. 41). Ainda de acordo com Vaz (2002, p. 42), o “costume” tem sua duração no tempo assegurada pela tradição, e o “hábito” se estabelece no indivíduo com seu agir pela educação.

Assim o chamado a ser “contra cultural” pelo Pastor poderia se constituir como o costume e tradição, e a “proteção” proposta também por ele poderia se estabelecer na educação com o hábito. Podemos ver que o *ethos* pode se estabelecer tanto no tempo linear, como na ação permanente do indivíduo.

Conclusão

Sabendo que a presente comunicação é parte do projeto de mestrado em Ciências da Religião com o título “O FENÔMENO RELIGIOSO ENTRE OS JOVENS NAS TRIBOS URBANAS: uma análise da relação cultura e religião na Comunidade Caverna de Adulão em Belo Horizonte,” ela pode contribuir para analisar como ocorre a construção sociológica nas práticas religiosas entre os jovens roqueiros que estão nas tribos urbanas.

No diálogo com o teórico Maffesoli e com outros autores percebemos a interação dos jovens e o seu vínculo com o *rock* e a religião. A interação social, o sentimento de pertencimento, o estar juntos, a proximidade física, o ombro a ombro, estabelecem as bases da Comunidade Caverna de Adulão. A ética dessa Comunidade gira em torno das mesmas práticas partilhadas, entre elas o *rock*, como também outros estilos musicais e práticas culturais próprias das tribos urbanas específicas. O *rock* aliado à religião pode cimentar as bases da comunidade e aglutinar os jovens em torno de um mesmo ideal no espaço interacional e social. Outros grupos marginalizados podem ser vistos ali, entre eles, travestis e prostitutas que ficam nas imediações nos dias de cultos, e que não entrariam em igrejas tradicionais devido ao preconceito, ali, são atraídos e participam das reuniões. Também pessoas de várias idades, inclusive crianças e idosos, que não pertencem a nenhuma tribo e na comunidade são aceitos.

Portanto, ao quebrar os preconceitos e os estigmas sociais na Comunidade Caverna de Adulão, podemos observar a socialização e a interação social na comunidade. A utilização do *rock* e aceitação das mais diferentes tribos urbanas dentro da comunidade pode demonstrar que o sujeito tem uma autenticidade para expressar sua espiritualidade de forma livre e espontânea. Assim, os jovens podem aderir a uma religião pelo fato de sentirem integrados com sua cultura peculiar, desenvolvendo um sentimento de pertencimento, de estar-juntos e de sociabilidade.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? E outros ensaios**. Chapecó; Argos, 2009.
- BRANDINI, Valéria. **Cenários do Rock: mercado, produção e tendências no Brasil**. São Paulo: Olho D'água, 2004.
- FREHSE, Fraya. Eving Goffman, um sociólogo do espaço. **RBCS**. v. 23, n. 68, out. , 2008.
- LEFEBVRE, Henri. **A Revolução Urbana**. Belo Horizonte. Ed. UFMG, 1999.
- MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. 4. ed. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 2010.
- PARK, Robert. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio humano. In: VELHO, Otávio (Org.) **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro. Zahar Editores, 1979.
- RODRIGUES, Flávio Lages. **A Liberdade do Espírito na vida e no rock**. Rio de Janeiro: MK, 2007.
- RODRIGUES, Flávio Lages. **O rock na evangelização**. Rio de Janeiro: MK, 2006.
- VAZ, Henrique C. de Lima. **Escritos de Filosofia: introdução à ética filosófica**. v. 4. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2002.
- WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. In: VELHO, Otávio (Org.) **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro. Zahar Editores, 1979.